



Opinião Econômica

Mauro Zafalon

Formado em jornalismo e ciências sociais, com MBA em derivativos na USP

banrisul

Agronegócio brasileiro será menos afetado com as novas tarifas

Desta vez, o agronegócio não sofreu o impacto da lista de tarifas impostas ao Brasil como no ano passado. Donald Trump, após as barbeiragens de 2025, que lhe custaram caro, deixou de lado produtos que trouxeram custos e inflação para os americanos, devido às pesadas barreiras tarifárias.

A alimentação não tem grande peso no bolso dos americanos, comparada com outros itens. De cada US\$ 100 gastos, em média, US\$ 13,6 são destinados à alimentação. No Brasil, esse custo chega a ser o dobro. Os aumentos causados pelo tarifaço do ano passado foram tão elevados, no entanto, que ainda são sentidos no bolso pelos americanos.

Os principais produtos do agronegócio ficaram fora da lista, mas a aplicação das taxas de 2025 pesaram sobre a relação co-

mercial entre Brasil e Estados Unidos. Os americanos foram para outros mercados, devido ao custo elevado do produto brasileiro e, mesmo depois da eliminação da taxa de 50%, os brasileiros ainda não recuperaram o mercado que tinham.

O café, principal item da balança brasileira com os Estados Unidos no setor, rendeu US\$ 785 milhões nos três primeiros meses de 2025, mas o valor recuou para US\$ 532 milhões neste ano, segundo dados do governo americano. De janeiro a março do ano passado, a Colômbia havia exportado 8% a menos do que o Brasil para os Estados Unidos, mas neste ano supera em 46% os brasileiros.

Os números do Usda (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) mostram que outros países ganharam mercado nos Estados Unidos. Honduras tem,

neste ano, uma evolução de 158% nas exportações de café, em relação ao início de 2025; a Guatemala, de 104%, e os alemães, que não produzem café, de 106%.

Na carne, a Austrália voltou a liderar as vendas para os Estados Unidos, mas o Brasil conseguiu ampliar em 36% as exportações do primeiro trimestre deste ano, em relação a igual período de 2025. Os brasileiros venderam 120 mil toneladas para os americanos, segundo números do Usda. Para a Abiec (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes), esse montante já chega a 150 mil toneladas até abril.

Trump foi obrigado a isentar boa parte dos produtos agrícolas brasileiros, uma vez que os americanos ainda estão pagando caro pelos itens nos quais o Brasil é líder em exportação. Os dados mais recentes do Bureau of Labor

Statistics, referentes a abril, indicam que o café em pó está com alta de 18,5% no país nos últimos 12 meses. Já o solúvel acumula elevação de 23%.

No setor de carnes, a dependência dos americanos da importação de carne bovina é cada vez mais crescente, devido à queda no número de cabeças de gado do país. No ano passado, os americanos gastaram US\$ 14 bilhões com importações no setor, 30% a mais do que no ano anterior. Dependendo do corte, a carne bovina tem aumento de 15% a 18% nos Estados Unidos, taxa bem superior à inflação média dos alimentos de 3,2%.

A herança das tarifas recai ainda sobre vários outros alimentos, como pescados, frutas e vegetais, que ainda mantêm taxa elevada de aumento em 12 meses. Após as tarifas, Trump trouxe,

com a guerra no Oriente Médio, outro fator de peso para o bolso do consumidor. Pressionados por custos, alguns itens de ciclo mais curto, como o tomate, tem aumento acumulado de 40% em 12 meses.

A guerra de Israel e Estados Unidos contra o Irã aumentou os custos de produção, principalmente com a elevação dos preços dos fertilizantes. Além deles, os custos com óleo combustível subiram 54%, e os com gasolina, 28%, afetando o transporte de alimentos.

Os americanos deverão ter um déficit de US\$ 29 bilhões neste ano fiscal (outubro a setembro) na balança do agronegócio, o que mostra um alívio em relação aos US\$ 44 bilhões do ano fiscal anterior. Neste primeiro trimestre de 2026, o déficit soma US\$ 5 bilhões.

Dívida pesando ou caixa apertado?

Com o Desenrola Brasil no Banrisul, você encontra formas de reorganizar as finanças e seguir em frente, seja pessoa física ou empresa.



banrisul

NOVO DESENROLA BRASIL
SAC 0800 646 1515
Ouvidoria 0800 644 2200

Brasil pode se tornar líder na produção de combustível sustentável

Volume global de SAF deverá atingir cerca de 2,4 milhões de toneladas

/ AVIAÇÃO

Nicolas Pasinato, do Rio de Janeiro
nicolasp@jcrs.com.br

O vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, chamou a atenção, neste domingo, para a necessidade da descarbonização do combustível de aviação e reforçou o potencial do País para ser um protagonista global desta iniciativa. O seu discurso ocorreu durante a abertura do segundo dia da Assembleia Geral Anual da Iata, no Rio de Janeiro.

“Nossa agroindústria, nossa biodiversidade e a nossa capacidade de pesquisa colocam o Brasil em posição privilegiada para liderar o desenvolvimento e a produção de combustíveis sustentáveis de aviação, o SAF (sigla em

inglês para Sustainable Aviation Fuel)”, pontuou.

Segundo o vice-presidente, o debate em torno da descarbonização da aviação é “crescente, legítimo e urgente”. “O Brasil pode ser para a descarbonização da aviação, o que nenhum outro país do mundo pode ser: uma potência verde com capacidade industrial para transformar recurso natural em solução global”, completou.

A produção global de combustível sustentável de aviação (SAF, na sigla em inglês) deverá atingir cerca de 2,4 milhões de toneladas em 2026, estima a Associação Internacional de Transporte Aéreo (Iata). O volume representa apenas 0,8% do consumo total de combustível aéreo, a um custo de US\$ 4,3 bilhões para as companhias aéreas. A associa-

ção prevê ainda que o Brasil tem potencial para produzir em torno de 12 milhões de toneladas de SAF até 2030 e cerca de 60 milhões até 2050.

Alckmin também abordou os desafios enfrentados atualmente pela indústria aérea. Entre os principais entraves, citou os elevados e voláteis custos do combustível, a escassez de mão de obra e os impactos persistentes da pandemia de Covid-19 sobre as cadeias globais de suprimentos.

Como parte das medidas adotadas para fortalecer o setor, o vice-presidente mencionou a redução a zero de alíquotas dos impostos PIS (Programa de Integração Social) e Cofins (Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social) sobre o transporte aéreo regular de passageiros; a re-



Geraldo Alckmin destacou que debate sobre descarbonização é urgente

dução progressiva do Imposto de Renda Retido na Fonte (IRRF) sobre operações de leasing de aeronaves e a adesão ao acordo sobre comércio de aeronaves civis da Organização Mundial do Comércio (OMC). “Decisão que nos coloca ao lado dos grandes produtores na governança do mercado aeronáutico global”, explicou.

No sábado (6), o vice-presidente para as Américas da entidade, Peter Cerdá, afirmou que a movimentação de passageiros em voos domésticos no Brasil deverá

recuar para um patamar anual inferior a 90 milhões. Em 2025, a Iata registrou um recorde de mais de 100 milhões de viajantes no mercado doméstico brasileiro, alta de 17% em relação ao ano anterior.

“Infelizmente voltaremos a ficar abaixo de 90 milhões por causa do alto custo das viagens”, pontua Cerdá. O executivo atribui o cenário aos elevados custos que impactam o setor e critica a alta judicialização da aviação no Brasil, além da carga tributária aplicada por governos da América Latina.